

NATUZA
NERY

O drible da vaca

O racha vermelho pode transformar esta eleição na primeira da história da capital entre direita e direita

EM CAMPANHA, não basta fazer tudo certinho. É imprescindível errar pouco e, acima de tudo, ter sorte.

Sem isso, um almofadinha desconhecido do eleitorado e renegado por parcela de seu próprio partido, o PSDB, não teria chegado tão rápido à condição de favorito na disputa em São Paulo.

João Doria —espécie de aventura eleitoral de Geraldo Alckmin— cresceu aos saltos na capital. No Datafolha de 24 de agosto, tinha 5% das intenções de voto.

Quinze dias depois, 8 de setembro, pulou para a terceira posição —16%. Cresceu às custas da exploração da imagem do antipolítico.

Àquela altura, a corrida estava emolada entre Celso Russomanno (PRB) e Marta Suplicy (PMDB). Fernando Haddad (PT) aparecia enquiçado na quarta posição.

Apesar do forte crescimento, Doria passava incólume pela artilharia inimiga. Foi poupado do começo ao fim —fruto da tese errada de que não se ataca oponente que está no terceiro lugar.

Russomanno, o primeiríssimo, surgia bem mais sólido do que em 2012, ao menos era o que se imaginava até começar a derreter. Com pouco tempo de TV, foi incapaz de desarmar as bombas dos rivais. Perdeu a dianteira.

Se chegar ao segundo turno, será muito mais pela divisão da esquerda entre três candidatos do que exatamente pelo próprio desempenho.

O racha vermelho, por sinal, pode transformar esta eleição na primeira da história da capital entre direita e direita. Trata-se de destino curioso para quem começou a campanha escondendo a estrela do PT (Haddad) e para quem disse nunca ter se colocado como uma pessoa de esquerda (Marta).

Marta não poupou Haddad nem Russomanno. Russomanno não parou de atacar Haddad.

O prefeito ia se defendendo no que podia, enquanto João Doria ia passeando livre, leve e solto pelos comerciais de TV, sem resistências.

Suas fragilidades foram quase todas deixadas de lado: patrocínios públicos discutíveis, apoio escancarado da máquina do Estado, negócios mal explicados, área invadida em Campos do Jordão.

Sob as barbas dos rivais, Doria foi fazendo uma campanha “positiva”, para cima, aquela que ataca pouco os oponentes e vende muito a biografia do candidato. Mesmo quando estava lá atrás, portava-se como se estivesse à frente.

Buscou se distanciar do figurino do político profissional e evitou brigas com os adversários, cenas de pugilato que o eleitor adora ver, mas detesta votar em

quem as protagoniza.

Já na terceira pesquisa Datafolha, apurada em 21 de setembro, chega aos 25%, atingindo o primeiro lugar numérico da corrida eleitoral.

O curioso é que se João Doria tivesse parado no segundo lugar por um tempo, teria se transformado em comida para os leões. Teve a sorte de despontar logo na primeira posição, deixando a guerra pela segunda vaga para os demais. Os inimigos ficaram brigando entre si.

Há quem diga que Doria chegou até aqui como favorito porque, tal qual no futebol, deu o drible da vaca nos outros jogadores —lançou a bola para um lado e correu para o outro.

Resta saber se, de fato, conseguirá pegar a bola depois do passe. Ele sabe que, no segundo turno, não terá a sorte de passar ileso pela campanha adversária.

NATUZA NERY é editora do Painel

QUEM É QUEM

Police Neto (PSD) - Se não abolirmos as matrizes energéticas fósseis, a cidade não vai avançar. O plano nacional de mobilidade dá quase uma marcha ré na lei de mudanças climáticas.

Moradia

Aurélio Nomura (PSDB) - Não podemos regularizar as áreas invadidas. Tivemos 32 novas invasões na [região das represas] Billings e Guarapiranga. Temos 40 mil auxílios-aluguel pagos pela prefeitura, quando deveríamos investir na construção e na regularização.

Carol Protesto (PT) - Há uma política predatória das imobiliárias, que empurra a população da periferia cada vez mais para longe. A população é obrigada a ocupar áreas de mananciais. Muitos culpam a periferia por ocupar áreas de risco, quando é uma política pensada pelos grandes empresários.

Gilberto Natalini (PV) - Temos que ir bairro a bairro discutir como aquela população quer desenvolver sua região, para que o emprego fique perto e para que o bairro não seja invadido por atividades esdrúxulas, que vão agredir o sossego urbano e o direito de morar bem. O cidadão tem que opinar como o bairro dele tem que ser.

Nabil Bonduki (PT) - Temos que trazer a habitação para o centro expandido, que tem 70% de emprego e 20% de moradores.

Contas públicas

Agnes Helena (Novo) - Nossa proposta é trazer o que a população precisa e cobrar responsabilidade fiscal, ninguém aguenta mais pagar imposto e não ter retorno. Imposto sem retorno é roubo. Qualquer vereador [do Novo] que aprovar leis para subir impostos será expulso do partido.

Carol Protesto (PT) - A renegociação da dívida foi uma das medidas cabíveis no momento, mas não sou a favor de continuar pagando dívida que não é nossa. A gestão Haddad foi uma das que mais efetivou a transparência. Ao contrário do Alckmin.

Daniel Annenberg (PSDB) - Dar calote na dívida destrói a confiança dos investidores. Gera mais custo para o município do que qualquer outra coisa.

Luiza Eluf (PSD) - A corrupção unida à má gestão e à



Carol Protesto (PT)
Caroline Soares, 19, estuda na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde compõe o Núcleo de Direitos Humanos. Militou no movimento dos estudantes secundaristas e participou da ocupação de escolas estaduais em 2015



Pedro Markun (Rede)
Ativista digital de 30 anos, fundou a Transparência Hacker, que visa difundir maneiras de fazer política diretamente, usando a tecnologia. Apesar de filiado à Rede para concorrer, é candidato independente, desobrigado de seguir a linha do partido



Nabil Bonduki (PT)
Arquiteto e urbanista, é professor da FAU-USP. Foi relator do Plano Diretor aprovado em 2014 e secretário municipal da Cultura na gestão Haddad (2015-16). Exerceu um mandato como vereador de 2001 a 2004. Tem 61 anos

incompetência são as maiores responsáveis pela calamidade de São Paulo. A cidade tem recursos. Não adianta dizer que vai aumentar imposto.

Pedro Markun (Rede) - Sou a favor da auditoria da dívida pública, apesar de ser difícil de fazer politicamente. É preciso rever o que estamos devendo e para quem. Um nível de dívida pública é importante para o crescimento da cidade. Precisamos levar essa discussão mais a sério.

Segurança

Agnes Helena (Novo) - A segurança também passa pela zeladoria. Na última gestão, sofremos um problema de centralização, e as subprefeituras perderam a autonomia de gerir a limpeza de ruas. Tivemos problema das PPPs de troca dos LEDs. A população não se sente segura.

Luiza Eluf (PSD) - Uma cidade organizada é mais segura e substitui o papel da polícia. Cuidando do espaço público, a gente afugenta a criminalidade.

Pedro Markun (Rede) - Acho genial criar um conselho de segurança municipal para rivalizar com os Consags, e que coloque no centro do debate que segurança não é “bandido bom é bandido morto”.

Ricardo Nunes (PMDB) - Temos mais de 100 mil crianças na fila das creches, fundamentais para combater a violência. Quando a criança sociabiliza, tem cinco refeições por dia e é cuidada, será um cidadão melhor, vai ter a formação do cérebro melhor. Não será uma pessoa, revoltada, que vá agredir alguém.

Direitos humanos

Carol Protesto (PT) - Vivemos um programa nazista e genocida tocado pelo Geraldo Alckmin, que usa o braço os-

tensivo da PM para matar a juventude negra e pobre. Não é culpa da PM, é do governador.

Daniel Annenberg (PSDB) - Temos que deixar de lado preconceitos em relação à PM. Não é a polícia como um todo, é uma parte. Uma boa parte dessa polícia está cada vez mais preocupada com direitos humanos.

Eduardo Tuma (PSDB) - Sou o vereador homem que mais fez pela mulher. Tenho uma resolução que cria na Câmara a procuradoria especial da mulher, no sentido de prevenir e remediar casos de violência doméstica.

Luiza Eluf (PSD) - Tenho a bandeira do apoio à mulher paulistana no sentido de conseguir para as trabalhadoras creches, restaurantes e lavanderias comunitárias.

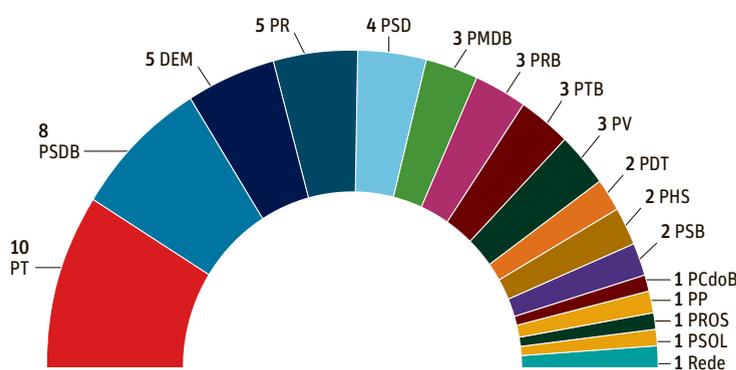
Paulo Fiorilo (PT) - No debate sobre o Plano Municipal de Educação, a Câmara limou todas as expressões de gênero. Fui o relator que manteve as expressões porque é na educação introduzimos conceitos fundamentais para combater a cultura do estupro e a violência contra a mulher.

Paulo Frange (PTB) - A violência contra a mulher acontece muito mais do que os números mostram. Temos todo o tipo de tendências, inclusive discriminatórias, para tratar do assunto.

Pedro Markun (Rede) - Um jovem negro morre a cada 23 minutos. Temos uma política extremamente violenta e o governo estadual faz muito pouco no sentido de reformar isso.

Police Neto (PSD) - A Câmara pode garantir orçamento para esses setores [mulher e LGBT]. Tem que mostrar para a sociedade que essa violência tem que ter um basta.

COMPOSIÇÃO DA CÂMARA DOS VEREADORES DE SP



MEU VOTO PARA VEREADOR



MARCOS NUSDEO
Presidente da Associação dos Procuradores de SP



43111
JUSSARA DELPHINO (PV)
No setor público há 25 anos, ela conhece todas as áreas